

"Foi um escocês que me disse que havia uma revolução na minha república das bananas"

A entrevista é feita no edifício da Reitoria da Nova, em Campolide. António Rendas está de partida do cargo, depois de dez anos como reitor e até uma época como reitor dos reitores portugueses. Fala da experiência de investigador na Inglaterra e nos Estados Unidos e também da família materna judaica.

Foi para Inglaterra, em janeiro de 1974, fazer o doutoramento, depois de licenciarse em Medicina em Lisboa. Como é que soube lá do 25 de Abril?

Estava num hospital muito especial, que era o Brompton hospital, que fazia parte do Instituto Cardiorácico. Tinha trabalho de investigação clínica e havia uns seniores com quem trabalhava. Um deles que era muito meu amigo era um escocês com pronúncia de Glasgow. Lembro-me de ter chegado ao hospital muito cedo nesse dia e de ele me dizer com uma pronúncia cerradíssima que tinha havido uma revolução na minha república das bananas. Foi assim que soube do 25 de Abril. Liguei logo para casa.

Foi uma surpresa?

Não, porque a minha geração foi muito politizada. Particpei nos movimentos estudantis e tinha um conjunto de amigos que eram pessoas com grande formação política. Também devo dizer que considero o período do Marcelo Caetano, sobretudo para quem viveu em Lisboa, muito interessante da vida portuguesa, no sentido de grande abertura.

(...)

Diz que conviveu com alguns colegas que politicamente estavam muito mais envolvidos. Refere-se a António Guterres, de quem foi colega no liceu?

Estava a falar sobretudo do Zé Mariano Gago, que era um ano mais velho que eu e teve um papel importantíssimo como dirigente estudantil do Técnico. O Guterres desabrocha para a política depois de ser já licenciado. O percurso de formação política dele é mais tardio, embora mais profundo, porque teve uma intervenção política muito significativa.

(...)

Qual era a situação familiar na altura?

Era casado e fui viver para Portobello Road e apanhava o autocarro para ir para o hospital e depois a Gulbenkian tinha em Londres um escritório e havia uma senhora que tratava dos bolseiros todos. Nessa altura, depois de nascer o meu filho, arranjam os um apartamento pequenino numa international students house, da qual ainda sou sócio, que ficava à frente do Regents Park.

Como foi a aventura em Harvard?

Não tinha nenhum plano para ir para os Estados Unidos mas tive o privilégio de a minha orientadora da tese de doutoramento, Lynne Reid, que era uma sumidade em doenças respiratórias, ser convidada para ir para Boston como professora catedrática. Ela escolheu várias pessoas da equipa para levar e eu tive a sorte de ser uma delas.

Já conhecia os Estados Unidos?

Nunca tinha visitado a América.